

TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA E A PRÁTICA MARXISTA NO ASSENTAMENTO 10 DE ABRIL DO MST – CRATO - CE

Eixo: Movimento operário e organização de classe: lições da história e perspectivas de emancipação.

Ana Aline Libório Saraiva¹
Janaisa Rodrigues de Sousa²

Resumo

O artigo originou-se a partir das leituras desenvolvidas no Grupo de Estudo e Pesquisas Marxistas - GEMA, da Universidade Regional do Cariri (URCA); com intuito consolidar ações revolucionárias no campo da arte, políticas, saúde, esporte e cultura no Assentamento 10 de Abril do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), localizado no município de Crato-CE. Enquanto pesquisadores estudantes da área Educação, buscamos consolidar uma formação profissional baseada na concepção crítico-dialética, concretizando a teoria marxista com a prática revolucionária dos participantes do GEMA, tendo como objetivos fortalecer a luta pela a reforma agrária, resgatar a identidade dos jovens com relação ao movimento. Quanto aos procedimentos para coleta e análise dos dados, utilizamos método de abordagem baseado em entrevista semiestruturada com alguns assentados, bem como a pesquisa bibliográfica. Concluímos que à práxis revolucionária deixada por Marx e Engels pode se materializar nos campos férteis da luta de classes do movimento dos trabalhadores rurais sem terra.

Palavras chave: Movimentos Sociais, Resgate da Identidade, Práxis Social.

Abstract

The article originated from the readings developed in Marxist Study Group and Research - GEMA, the Regional University Cariri (URCA); aiming to consolidate revolutionary actions in the field of art, politics, health, sports and culture in the Settlement April 10 of the Landless Workers Movement (MST), located in the municipality of Crato-CE. While researchers Education students in the area, we seek to build a relationship based training in critical-dialectical conception, fulfilling Marxist theory and revolutionary practice of participants in the GEM, with the objective to strengthen the struggle for agrarian reform, redeem the identity of young people with respect the movement. On the procedures for collecting and analyzing data, use method approach based on semi-structured interviews with some settlers, as well as literature. We conclude that the revolutionary praxis left by Marx and Engels can materialize in the fertile fields of the class struggle of the movement of landless rural workers.

Keywords: Social Movements, redemption identity, Social Praxis.

¹ Aluna do Curso de Pedagogia da URCA; Bolsista da URCA-PROEX; anaalineliboriosaraiva@gmail.com

² Aluna do Curso de Pedagogia da URCA; janaisarodrigues@hotmail.com; Bolsista da URCA-PROEX

Introdução

O presente projeto se iniciou a partir de estudos e leituras desenvolvidas no Grupo de Estudo e Pesquisas Marxistas - GEMA, do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri (URCA); têm como intuito consolidar ações revolucionárias no campo da arte, políticas, saúde, esporte e cultura no Assentamento 10 de Abril do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), localizado no município de Crato-CE.

Enquanto pesquisadores estudantes da área Educação e Política que defendem uma concepção materialista histórico-dialética, buscamos, desta forma, consolidar uma formação profissional baseada em uma concepção crítica-dialética, numa tentativa de concretizar a teoria marxista com a prática revolucionária dos participantes do GEMA, à medida que não buscamos apenas a teoria, mas também relacionar os conhecimentos adquiridos no âmbito universitário com a realidade social das lutas de classes, promovendo assim a práxis social.

O ponto de vista teórico deste trabalho se assenta nas teses de Karl Marx sobre as lutas de classes. Guiada pelos pensamentos teórico-práticos do marxismo, está pesquisa almeja resgatar a identidade dos assentados para com o movimento, notadamente dos jovens. Esta tarefa, obviamente, será desenvolvida com base nos princípios da dialética materialista enquanto filosofia e metodologia.

Pelo visto, esta tarefa tem como objetivos contribuir para o fortalecimento da luta pela a reforma agrária no município de Crato-CE, incentivando a auto-organização dos assentados e o sentimento de pertencimento à classe trabalhadora do campo, resgatando a identidade dos jovens com relação ao movimento dos trabalhadores rurais sem terra, bem como implantar um projeto interdisciplinar de extensão universitária na esfera dessa comunidade convalidando a tese marxiana segundo a qual não basta interpretar a realidade, mas transformá-la radicalmente na perspectiva da classe trabalhadora.

Em concordância com os procedimentos da pesquisa dialético, utilizaremos métodos de abordagem qualitativa que se divide em: observação direta, entrevista não estruturada da comunidade, pesquisas bibliográfica, documental e de campo. Avaliamos as informações da realidade entendida durante a visita relacionando-os com os estudos científicos feito no Grupo de Estudo.

Desenvolvimento

Historicamente desde período Colonial com a criação das capitânicas hereditárias e o sistema das sesmarias, o Brasil vem sofrendo uma gritante distribuição desigual de terras, todavia os latifundiários tem a posse da maior extensão territorial, ocasionando dessa forma uma desigualdade social, pois o trabalhador não tem acesso a terra para produzir. Segundo Lisboa (1995, p.04) entende-se que:

A concentração da renda e da propriedade em nosso meio sempre esteve ligada ao favorecimento financeiro e político da elite do país e ao péssimo sistema educacional a nível básico e técnico. A concentração da propriedade poderia ser revertida ao longo do tempo se a sociedade fosse administrada com uma República democrática de fato (LISBOA 1995, p. 04).

Segundo o Estatuto da Terra (Lei 4.504, de 30 de novembro de 1964), promulgado alguns meses após o golpe de estado conservador, representou um documento jurídico de grande importância para a classe trabalhadora sem terra, no entanto, essa lei como tantas outras, não é colocada em prática, visto que várias famílias camponesas são expulsas do campo, tendo suas propriedades adquiridas por grandes latifundiários, conforme assinala Andrade (1995, p. 08) temos:

Na verdade, esse movimento de base não era bem articulado e definido; defendia uma reforma agrária, mas não estabelecia diretrizes para ela, nem a forma como seria aplicada nas diversas regiões do país. De um modo geral, defendia a ideia de que as terras apropriadas, os latifúndios por dimensão, deveriam ser melhorados. (ANDRADE. 1995, p. 08).

Em pleno século XXI vemos a necessidade da discussão e luta política no que diz respeito à organização dos trabalhadores rurais, pois a forma de exploração da terra e a expansão da produção no Brasil continuam favorecendo os grandes latifundiários alargando a desigualdade social, prejudicando grupos trabalhadores rurais sem terra. De acordo com Florestan Fernandes (2009, p. 33).

Na verdade, o capital só se produz e reproduz quando surgem às condições especiais e históricas de existência da propriedade privada, da acumulação capitalista acelerada, da constituição de um exército industrial de reserva etc. Portanto, a burguesia se atribui a criação de condições que a produz e a reproduzem bem como produz e reproduzem o trabalho como mercadoria. (FLORESTAN 2009, p. 33)

Notadamente percebemos a luta constante para efetivar a reforma agraria, mesmo tendo leis que garante a aperfeiçoarção concretizada dos seus direitos enquanto trabalhadores rurais, os mesmo sofrem repressões até mesmo do estado para colocar essa lei em pratica. Segundo Leite (1995):

A barreira atual contra a efetivação da reforma agrária no país consolidou-se a partir de ações concretas do Estado, calcadas num modelo de desenvolvimento que atribuiu um lugar estratégico à especulação financeira e exportação de produtos agropecuários e agroindústrias [...] (LEITE, 1995, p. 18).

Sendo um dos movimentos sociais com mais relevância, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra vem promovendo uma discussão antiga em nosso país pela reforma agrária, cujo movimento teve sua origem na década de 80, como afirma Cerqueira (2013):

Hoje já se faz presente em 24 estados da federação, fato que ilustra sua representatividade em termos nacionais. A fundação deste movimento se deu em um contexto político no qual o duro regime militar que se iniciava na década de 60 do século passado chegava ao fim, permitindo à sociedade civil brasileira uma abertura política para reivindicações e debates... (CERQUEIRA. 2013)

Os objetivos do MST vão além da reforma agrária. Podemos perceber que vem ganhando ênfase nas discussões sobre as transformações sociais importantes no Brasil. Se por um lado existiram avanços e conquistas nesta luta, ainda há muito por se fazer em relação à reforma agrária brasileira, seja em termos de desapropriação e assentamento, seja em relação à qualidade da infraestrutura e segurança disponível às famílias já assentadas. A propósito, observamos este aspecto nas visitas feitas ao Assentamento 10 de Abril do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, do município de Crato-CE e durante o desenvolvimento do projeto.

Reforma agrária

Entre tantas outras reformas emergenciais que a sociedade brasileira tanto almeja a reforma agrária também está na agenda de erradicação da miséria e da desigualdade, valorizando a função social da terra. Assegurar os direitos do trabalhador do campo é, ao mesmo tempo, defender sua dignidade enquanto brasileiro. “A verdadeira reforma agrária que a maioria dos trabalhadores rurais anseia não é apenas uma distribuição de pequenos lotes de terra, pois dessa forma seria apenas o barateamento da mão de obra” (SILVA.1980). Este autor ainda revela que os trabalhadores sem terra têm outras aspirações:

[...] almejam uma mudança na estrutura política e social no campo, sobre a qual se assenta o poder dos grandes proprietários de terra. A reforma agrária é para os trabalhadores rurais uma estratégia para romper o monopólio da terra e permitir que possam se um dia dos frutos do seu próprio trabalho (SILVA, 1980, p. 93).

Levando em consideração os estudos feitos sobre a reforma agrária e os movimentos sociais, buscamos de alguma forma contribuir para o resgate da história deste Assentamento.

ATIVIDADES REALIZADAS

Primeiramente gostaríamos de ressaltar que nosso projeto foi desenvolvido através da participação de vários profissionais da área educacional, com propósito de atender as mais diversas necessidades dos assentados, para isso utilizamos diferentes meios metodológicos, entre eles, as oficinas ganharam destaques, pois através delas trabalhamos a história do MST, assim denominadas: “Oficina Sem Terrinha”, “Oficina das Mulheres Assentadas”, “Oficina dos Jovens do MST” e a “Oficina dos Adultos e Idosos Cadastrados no Assentamento”.

Um dos objetivos específicos da Oficina dos Sem Terrinha foi mostrar a importância de se identificar enquanto membro do movimento dos sem terra e refletir sobre o valor do companheirismo na luta pela reforma, e ao mesmo tempo perceber que o trabalho em grupo pode acarretar melhores resultados com uma postura socioeducativa e assim preservar as origens e valores do MST. Enquanto conteúdo teórico-metodológico trabalhou com a cotação de estória, pinturas, colagem, exibição de vídeos musica danças e jogos.

Quanto à Oficina das Mulheres, ao perceber a necessidade de pensar-se a autoimagem da mulher, surgiu então o interesse de resgatar a figura das mulheres assentadas em relação ao movimento, com os objetivos de compreender como a mulher se posiciona dentro do contexto do movimento, analisando assim a imagem da mulher vista perante a luta agrária vivenciando os relatos das participantes e sensibilizando-as quanto a sua importância nesse assentamento. Para atingir estes objetivos trabalhamos com as seguintes atividades: roda de conversa, exibição de vídeos sobre a mulher no MST, dinâmica de grupo com objetos que representa a figura feminina, leituras críticas de um poema e cordel que ressaltava a luta de classe.

Na Oficina dos Jovens o intuito era como dissemos antes, resgatar a identidade do jovem assentado para com o movimento, mostrando para os mesmo o quanto é fundamental a preservação da luta histórica da comunidade, As ferramentas teóricas-práticas foram as seguintes: exibições de documentários criticam sobre o papel do jovem no MST, realização de *fanzine* sobre o papel do jovem dentro da comunidade, interpretação do Hino do MST e leitura e reflexão de texto relacionado, todos numa perspectiva crítico-dialética, apontando os antagonismos de classe e a luta do povo pela terra.

Para conhecer e aprofundar mais da realidade e a historia do Assentamento 10 de Abril, na Oficina dos Adultos e Idosos buscou reunir a população mais idosa, para

compartilhar os conhecimentos adquiridos durante a luta. Para tanto, utilizamos as seguintes estratégias: roda de conversa, levantamento dos principais problemas do assentamento, atividades rítmico-expressiva ao som de uma música “revolucionária”. A partir dos debates percebemos o quanto é importante à memória oral, principalmente porque foi essa população mais idosa que luta e vem lutando pela preservação e crescimento do Assentamento 10 de Abril. Por fim, cabe ressaltar que o público participante desta oficina demonstrou que é somente através da luta de classe e em conjunto que se consegue atingir seus objetivos almejados.

O pensamento marxista correlacionado com os movimentos sociais dos trabalhadores sem terra

Analisando as obras marxistas e os movimentos sociais pode-se fazer uma associação no que desrespeita as lutas dos trabalhadores sem terra, pois a batalha por melhorias no setor de trabalho, a luta pela conquista de terra, as opressões que a classe trabalhadora sofria e que vem sofrendo até os dias atuais. Já eram relatadas no Manifesto Comunista e em outras obras marxianas como nos diz Marx e Engels (2008, p. 08):

A história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, membro das cooperações e aprendiz, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em contra posição uns aos outros e envolvidos em uma luta ininterrupta, horas desfaçada, horas aberta, que terminou sempre com a transformação revolucionária da sociedade inteira ou com o declínio conjunto das classes em conflitos. (MARX E ENGELS, 2008, p.08).

Na sociedade atual está claro que o capitalismo vem transformando a vida cotidiana em uma mera luta pela riqueza, o ser humano vem tratando os demais indivíduos como adversários como diria o filósofo Hobbes (1588-1679) “o homem é o lobo do homem”, ou seja, há uma constante rivalidade na busca pelo o acúmulo de capital. De acordo com Lessa e Tonet (2004, p.47):

Com o surgimento e desenvolvimento do capitalismo, este tipo de conexão indivíduo-sociedade é rompido. A vida social passa a ser predominantemente marcada pela propriedade privada, e a razão da existência pessoal deixa de ser a articulação com a vida coletiva, para ser o mero enriquecimento privado. O dinheiro passa a ser a medida e o critério e avaliação de todos os aspectos da vida humana, inclusive as mais íntimas e pessoais. (LESSA e TONET, p.47).

A concepção de Estado como instrumento de dominação de uma classe sobre as demais é uma tese política central na teoria dos dirigentes do MST. A superação do sistema capitalista somente seria possível através da conquista do poder do Estado pela classe trabalhadora organizada em torno de um projeto revolucionário onde o trabalhador não seja visto apenas como uma mera mercadoria, chegando até mesmo a não se reconhecer naquele produto que ele mesmo constrói, todavia a luta dos trabalhadores rurais sem terra vai além do reconhecimento da sua identidade enquanto trabalhador, os mesmo almejam a conquista de terras onde possa viver e ter o direito de produzir. No que se refere à força de trabalho Lessa e Tonet (2004) em seu livro *Introdução a Filosofia de Marx* expõe a seguinte afirmação:

No caso da força de trabalho, o que custa para produzi-la é o indispensável para manter vivo e produzindo o trabalhador: a pouca alimentação, o casebre ou a favela, o transporte barato em ônibus lotados ou caminhões de boias-frias, etc. O custo, para o capital, desta mercadoria chamada força de trabalho é menor do que as necessidades humanas do trabalhador. O trabalhador é gente e não mercadoria; mas, como ao capital o que importa são apenas as mercadorias e os seus custos, a essência humana da força de trabalho é completamente desprezada. (LESSA e TONET, p.41).

O MST, mesmo passando por um período de refluxo e crise quanto ao poder de mobilização sociopolítica e de aplicação de suas estratégias defendidas teoricamente, está procurando se fortalecer internamente, principalmente através da formação de novos quadros, assim como busca se articular com outros movimentos populares, sindicais e entidades progressistas para desencadear uma nova etapa de organização e de luta da classe trabalhadora na esfera da sociedade civil. Marx e Engels (2008, p. 27) descrevem que:

Todos os movimentos precedentes foram movidos de minorias ou em interesses de minorias. O movimento proletário é o movimento autônomo da imensa maioria no interesse da imensa maioria. O proletariado, a camada mais inferior da sociedade atual, não pode se levantar colocar-se de pé, sem mandar pelos ares todas as camadas superpostas que constituem a sociedade oficial. (MARX E ENGELS, 2008, p. 27).

A teoria marxista também procura explicar a evolução das relações econômicas nas sociedades humanas ao longo do processo histórico que vai sendo constituída de acordo com as lutas das classes trabalhadoras. Haveria, segundo a concepção marxista, uma constante dialética das forças entre poderosos e fracos, opressores e oprimidos, a história da humanidade seria constituída por uma constante luta. Fernandes (2009, p. 36) nos mostrando:

Essa relação contraditória com base estrutural e dinâmica econômica faz com que a história da sociedade de classe seja uma história de luta de classe, e a

converte na forma antagônica de sociedade mais vulnerável a conflitos sociais profundos e irreconciliáveis. (FLORESTAN, 2009, p. 36).

A luta pelo assentamento dos trabalhadores sem-terra, pela reforma agrária e pelo socialismo considerado pelos dirigentes como sendo os principais objetivos do Movimento são ações que intervieram de forma significativa na configuração da realidade política nacional, principalmente nos anos de 1980 e 1990. A teoria marxista sem via de dúvidas ajudou de forma significativamente para materializar a política dos assentados para a criação da estrutura organizativa do MST e para a definição das estratégias políticas alinhadas com o seu projeto de sociedade tanto desejada pelos lutadores do movimento.

Diante desses pressupostos apontados notamos que os movimentos sociais de base há muito tempo estão numa luta diária para que seus direitos enquanto cidadão seja reconhecido em sua plenitude, possibilitando que a humanidade como um todo tome consciência de suas necessidades tanto individuais como coletivas, pois vivemos numa sociedade capitalista onde se ver o acúmulo de capital e enquanto isso os trabalhadores rurais sem terra vivem subordinados aos interesses da classe dominante, uma estratégia encontrada pelos representantes do MST para buscar reconhecimento de suas terras é entrar em confronto diretamente com o Estado através de manifestações e mobilizações, O MST também a tática de ocupar secretarias, institutos e ministérios para pressionar os governantes que prometeram melhorias aos Sem Terra. Lênin (1899) compreende:

O conceito de luta de classes de maneira mais abrangente: compõe-se da luta econômica (contra capitalistas isolados ou contra grupos isolados de capitalistas pela melhoria da situação dos operários) e da luta política (contra o governo, pela ampliação dos direitos do povo, isto é, pela democracia, e pela ampliação do poder político do proletariado). (LÊNIN, 1979, p.33).

Levando em consideração a teoria marxista se o capitalismo foi construído pelos homens, certamente pode ser por eles destruídos a fim de estabelecermos outro modo de produção. A propósito, Marx escreveu, na obra *A MISÉRIA DA FILOSOFIA* (1847) “As relações sociais são inteiramente interligadas às forças produtivas. Adquirindo novas forças produtivas, os homens modificam o seu modo de produção, a maneira de ganhar a vida, modificam todas as relações sociais”.

Como estudiosos e pesquisadores do marxismo ambicionamos viver de maneira tal que os indivíduos possam ter condições de subsistência, ansiando um mundo com menos injustiças sociais, onde o ser humano não seja tratado como um objeto de exploração no seu

próprio local de trabalho, como diria os revolucionários, o capitalismo não é o fim da história, podemos sim construir uma sociedade mais igualitária e emancipadora, onde possamos ter os nossos direitos respeitados.

Diante dos estudos feitos no Grupo de Estudo e Pesquisas Marxistas - GEMA e na nossa prática no Assentamento 10 de Abril observamos que precisamos urgentemente de uma educação política, uma educação que traga a verdade e varra para longe, os discursos mentirosos da burguesia. E para isso resta-nos lutar junto com as classes trabalhadora para conseguirmos a libertação das algemas do sistema capitalismo.

Não há como negar que o marxismo foi e continua sendo uma referência decisiva no processo de construção do socialismo pelo MST. Este, através de sua identidade política peculiar, insere-se no campo da esquerda brasileira e procura contribuir na luta pela transformação e pela conquista de uma sociedade igualitária perante esse sistema capitalístico que vivenciamos no mundo contemporâneo.

Considerações Finais

Nossas considerações vão ao sentido de mostrar que a práxis revolucionária deixada por Marx e Engels pode se materializar nos campos férteis da luta de classes. Assim sendo, foi possível relacionar a teoria marxista com a luta de classe ocorrida no Assentamento 10 de Abril, convalidando a dialética materialista histórica segundo a qual as coisas estão em constante movimento e não há teoria sem prática. Isto foi avistado tanto nas falas como nas práticas sociais dos assentados, inclusive, vimos que alguns membros da população têm conhecimento e embasamento de leituras críticas para fundamentar suas lutas. Ademais, além desse embasamento político eles têm muita prática revolucionária.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras é, portanto, umas das manifestações populares de luta mais visíveis e atuantes. Embora esteja presente em todo país, é na região Sudeste que ele está mais consolidado. Concluimos também que essas lutas estão presentes nos dias atuais, essa conquista dos Assentamentos pelas terras é um autêntico combate social.

Nessa totalidade, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) desempenha um grande papel para a conquista da igualdade no que desrespeita a distribuição de terras, considerando-as improdutivas. Todo tipo de manifestação social tem dificuldade e não é diferente com os sem terras, sendo uma batalha muitas vezes com o Estado, configurando uma relação de opressor e oprimido.

Notamos ainda que o Assentamento 10 de Abril vem sofrendo dificuldades, principalmente no que desrespeita aos direitos humanos. Segundo a Constituição Brasileira todo cidadão tem direito a educação, saúde, moradia, lazer, segurança. etc.; mas para que esses direitos sejam garantido a população do assentamento tem enfrentado grandes lutas, muitas vezes com repressão física.

Apesar de o projeto aplicado perceber a importância da organização coletiva nos movimentos sociais, e o quanto as pessoas mais idosas ainda têm enraizadas sua história e cultura, vimos que há preocupação dos assentados é com a questão do resgate da consciência crítica e da capacidade de luta dos jovens para que os mesmos possam se situar no contexto de luta em que estão inseridos.

REFERENCIAL TEÓRICO

ANDRADE, Manoel Correria de **Universidade e Sociedade**, Sociedade e Reforma Agrária no Brasil, outubro nº 9 Outubro De 1995.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira: Disponível em <http://www.brasilecola.com/sociologia/reforma-agraria.htm>. Acesso em 02/02/2014 às 15:00 horas.

FLORESTAN, Fernandes. **Nós e o Marxismo**, Ed. Expresso popular, São Paulo 2009.

HOBBS, Thomas, **O Leviatã**, Ed. Martins. 1651

LESSA Sérgio e TONET Ivo, **Introdução À Filosofia de Marx**, Edição Expresso popular, São Paulo, 2004.

LEITE, Sérgio; **Universidade e Sociedade Reforma Agrária No Brasil: Ontem e Hoje**. nº: 9 Outubro De 1995.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. Sobre os sindicatos. São Paulo: Pólis, 1979.

MARX, K. ENGELS Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. 1ª Edição Expresso popular, São Paulo, 2008.

MARX, K. **A miséria da filosofia**. São Paulo: Global, 1985.

RICEIRO, Paulo Silvino, **O MST No Brasil**, Disponível <http://www.brasilecola.com/sociologia/mst.htm>. acesso 04/02/2014 às 10:00.

SILVA, José Graziano da **O que é Questão Agrária**. 15ª Ed. Editora Brasilense; São Paulo, 1989.